



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM CONTEXTOS ESCOLARES**

**FORMAÇÃO DOCENTE CONTINUADA: TRABALHO COM PROFESSORAS DA
EDUCAÇÃO INFANTIL COM CRIANÇAS COM PARALISIA CEREBRAL**

Raquel Lilian Leandro Andrade
Nº de Matrícula: 112790029A
Polo: Bicas

JUIZ DE FORA
2019

RAQUEL LILIAN LEANDRO ANDRADE

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

FORMAÇÃO DOCENTE CONTINUADA: TRABALHO COM PROFESSORAS DA
EDUCAÇÃO INFANTIL COM CRIANÇAS COM PARALISIA CEREBRAL

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Especialização em Educação Inclusiva em contextos escolares, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial a obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Núbia Aparecida Schaper Santos

JUIZ DE FORA
2019

**RAQUEL LILIAN LEANDRO ANDRADE
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Especialização em Educação Inclusiva em contextos escolares, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial a obtenção do título de Especialista.

Aprovado em: _____

BANCA EXAMINADORA

Núbia Aparecida Schaper Santos

Juliana Célia de Oliveira

Katiuscia Antunes

**JUIZ DE FORA
2019**

AGRADECIMENTOS

A meus colegas de curso Rodrigo e Dayse, por todo apoio na caminhada. E a minha mãe, por acreditar no meu potencial, nas vezes em que nem eu mesma acreditei e por todo sacrifício feito para que eu pudesse me dedicar ao curso. Muito obrigada!

RESUMO

O trabalho aqui apresentado é o relato da intervenção pedagógica realizada com professoras da educação infantil de uma escola da rede pública da prefeitura de Belo Horizonte. As professoras possuem entre 2 e 5 anos de experiência na Educação Infantil, mas nenhum curso referente a Educação Especial. O objetivo principal foi proporcionar subsídios teóricos básicos para que assim pudessem se sentir subsidiadas para construir em conjunto um trabalho efetivo de qualidade com crianças com paralisia cerebral. Partimos do pressuposto de que é necessário possibilitar, no espaço da própria escola, experiência de formação continuada e acreditamos que a formação entre pares, compartilhando as experiências, as dificuldades e os êxitos sejam elementos importantes para a constituição de uma prática inclusiva. Por isso, este trabalho busca problematizar os desafios encontrados a partir da inserção de uma criança com paralisia cerebral. Indagamo-nos sobre qual é o papel da escola, como acontece a relação com a família e quais são as questões colocadas para as professoras no cotidiano institucional.

Palavras-chave: formação continuada – educação infantil – educação especial.

SUMÁRIO

1 Introdução	6
2 Identificação da solução problema/questão	6
3 Descrição do que te fez eleger tal problema/questão	7
4 Justificativa da importância de estudar tal questão e não outra	8
5 Objetivo geral	9
6 Objetivos específicos	9
7 Alternativas escolhidas para a intervenção	9
8 Cronograma	10
9 Relatório de desenvolvimento do projeto de intervenção pedagógica	14
10 Considerações finais	15
11 Referências	16
Apêndice	17

1 INTRODUÇÃO:

Sou pedagoga formada na Fundação Helena Antipoff/UEMG, no ano de 2012. Possuo pós-graduação em Gestão Educacional, além de diversos cursos de atualização na área educacional. Minha trajetória junto a crianças com deficiência começou ainda na época em que cursava a faculdade de Pedagogia e trabalhava em uma escola de Educação Infantil como Auxiliar de Biblioteca. Nessa época, conheci José, uma criança autista de alto comprometimento, mas com quem mantenho contato até hoje. Com José aprendi que basta acreditar no potencial da criança com deficiência, seja ela qual for, pois apesar de esse não ser o objetivo da Educação Infantil na rede pública a qual pertencia a escola em que trabalhava, José saiu da escola aos 5 anos lendo. Tomada por curiosidade acerca daquela criança que chegava na escola todos os dias e só chorava e gritava durante meses pelo período em que permanecia na instituição, comecei a pesquisar e entender um pouco sobre o universo fascinante do autismo.

Com o tempo vieram outras crianças com deficiência, mas o mais desafiador tem sido Lucas (nome fictício, usado para proteger a identidade da criança). Lucas é uma criança extremamente amável e tranquila, mas que em razão de sua deficiência, exige cuidados bem específicos, além dos cuidados normais que já fazem parte da Educação Infantil, cuja a base pedagógica está alicerçada nos conceitos de educar e cuidar, conceitos esses, indissociáveis.

O objetivo deste texto é mostrar todo o percurso da formação continuada de professoras ocorrida no interior de uma escola pública da prefeitura de Belo Horizonte, cujo objetivo foi promover um espaço de fala para as professoras a partir de conceitos e informações e promover troca de ideias e sugestões para um trabalho mais efetivo e pontual com uma criança de um ano e oito meses com paralisia cerebral.

2 IDENTIFICAÇÃO DA SITUAÇÃO PROBLEMA/QUESTÃO:

A escola tem mudado muito com relação a aceitação e acolhimento dos alunos com deficiência nas últimas décadas. Isso deve-se as inúmeras leis internacionais, que ecoam na legislação nacional. Desse modo, cada vez mais crianças com deficiência tem frequentado a escola regular.

Ademais, esse projeto apresentou-se como significativo, uma vez que tem-se observado crianças com deficiência cujo potencial tem sido suprimido por não terem professores que os auxiliem com suas dificuldades, os estimulem e os ajudem a romper as barreiras e a superar suas limitações. No entanto, os professores não o fazem simplesmente por não quererem, mas por não possuírem conhecimentos teóricos para isso, o que limita e engessa a prática docente.

Diante disso, surge a pergunta: como auxiliar os professores na tarefa de trabalhar com a criança com deficiência?

3 DESCRIÇÃO DO QUE TE FEZ ELEGER TAL PROBLEMA/QUESTÃO:

A instituição escolhida para a realização do projeto é uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) do Município de Belo Horizonte.

A escola está situada em um bairro da periferia da cidade, atendendo crianças de 0 a 5 anos. As turmas parciais funcionam de 07h:30 as 11h:30 e de 13h as 17h. A escola possui duas turmas de tempo integral, com atendimento de 07h:30 as 17h. São as turmas remanescentes do atendimento integral, que está sendo extinto gradativamente na prefeitura de Belo Horizonte. Há uma turma de um ano e uma turma de dois anos na instituição. No próximo ano só haverá uma turma de dois anos, referente a turma de um ano no presente ano letivo e no ano de 2021 não haverá mais turmas de período integral em funcionamento na escola.

Para o projeto de intervenção pedagógica foram convidadas as professoras da turma de um ano integral, turma onde está matriculada uma criança com paralisia cerebral. São professoras da referida turma duas professoras no período da manhã e três professoras no período da tarde. Também foi convidada a participar do projeto a coordenadora pedagógica da EMEI.

A questão do estudo a respeito das crianças com paralisia cerebral e o trabalho específico com essas professoras, é resultado de observação da apreensão e angustia das mesmas em lidar com essa criança. Um fato notado é que todas as vezes em que a criança vai à escola apenas no período da tarde e não no período integral, uma das professoras do turno da tarde sempre ao medir a temperatura da criança atesta febre, a família é acionada e a

criança vai embora mais cedo; geralmente por volta das 15h, nunca permanecendo todo o período vespertino.

Através de observação, percebeu-se que Lucas, apresenta muitos espasmos musculares, esticando os bracinhos e perninhas. Lucas tem dificuldade na deglutição, o que torna sua alimentação muito difícil. A criança também fica todo o tempo com a língua para a fora o que atrapalha o seu processo de alimentação, já que ao tentar introduzir alimentos na boquinha da criança os movimentos constantes da língua na maior parte das vezes, impede a alimentação da criança.

Além disso, através de manual fornecido pelo local onde Lucas faz acompanhamento – Associação Mineira de Reabilitação (AMR) - tem sido proporcionado pela escola apoio postural para a criança. O principal apoio é uma almofada no formato de calça em que Lucas fica sentado no meio e assim obtém apoio nas costas, e no lado esquerdo e direito. Porém, em razão dos constantes movimentos, a criança acaba escorregando e fica completamente deitada no tapete que fica na sala. Isso é ruim, pois a pedido da psicóloga foi que a mãe passou a levar a criança com mais frequência a escola, para que assim veja e interaja com as outras crianças da turma, mas deitada no tapete isso não acontece. Lucas costumava ir uma ou no máximo duas vezes ao mês a escola. Agora, a criança vai todas as sextas-feiras em período integral, que é o dia em que a criança não tem nenhum acompanhamento médico e durante a semana, alterna entre manhã e tarde de acordo com seus atendimentos terapêuticos, já que sua turma funciona em horário integral.

4 JUSTIFICATIVA DA IMPORTÂNCIA DE ESTUDAR TAL QUESTÃO E NÃO OUTRA:

A proposta de intervenção pedagógica aqui concebida não pretende eliminar todos os fatores descritos por Nascimento (1997 apud Sobrinho) a respeito das falhas e dificuldades na formação docente. De acordo com o autor, a questão salarial é um exemplo dessas dificuldades enfrentadas, ou seja, dificuldades que extrapolam nossas possibilidades de ação. A proposta aqui apresentada, busca dentro de sua concepção, elementos que provoquem mudanças nas práticas pedagógicas. Analisando alguns dos fatores que Nascimento (2006) aponta como responsáveis pelas falhas na formação docente, acredita-se que esse projeto aqui estruturado alcançará êxito, uma vez que para Nascimento, a perspectiva fragmentada entre

teoria e prática é um fator de entrave. No entanto, o que se propõe aqui é justamente o contrário: o estudo teórico através da prática. A partir da prática, suas adversidades e obstáculos juntos ao aluno com deficiência motora devido a paralisia cerebral é que será desenvolvida a formação.

O alto custo dos cursos de formação e a realização fora do local e horário de trabalho também são apontados como fatores desencadeantes para a falha na realização da formação continuada. Dessa forma, ocorrendo no local e no horário de trabalho a um custo zero, acredita-se na adesão dos professores.

Segundo Nascimento (2006) a formação continuada do professor deve superar o individualismo, buscando através da coletividade a base para uma autonomia profissional. Assim, a proposta de formação aqui traçada propõe a união docente, alicerçando e permutando as práticas realizadas no interior da escola com o aluno com paralisia cerebral.

5 OBJETIVO GERAL:

Formular a partir de um referencial teórico, estratégias para auxílio a criança com paralisia cerebral na Educação Infantil.

6 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Proporcionar conhecimentos básicos sobre inclusão na Educação Infantil;
- Propiciar momentos de discussão e estudos colaborativos sobre inclusão;
- Construir coletivamente um Plano de Desenvolvimento Individual de uma criança com paralisia cerebral na educação infantil.

7 ALTERNATIVAS ESCOLHIDAS PARA A INTERVENÇÃO:

A proposta inicial era de encontros para estudos de textos, no formato de minicurso, porém chegou-se à conclusão que um grupo de ensino não agregaria tanto quanto um grupo estudos colaborativos.

Assim, após muita pesquisa por diversas fontes, chegou-se a um material produzido pelo Ministério da Educação e Cultura, Educação Infantil: Saberes e Práticas da Inclusão - Introdução. Esse texto foi escolhido por sua linguagem de fácil acesso, porém com conteúdo de qualidade.

Como fechamento da formação escolheu-se a construção do Plano de Desenvolvimento Individual de uma criança com paralisia cerebral da turma em que as professoras participantes trabalham. Essa escolha deu-se pelo fato que, apesar de a prefeitura não exigir para a criança o PDI, mesmo com todas as suas particularidades, Lucas só terá direito a um acompanhante a partir dos três anos, assim entendi, no percurso deste trabalho, que o Plano de Desenvolvimento Individual é um norteador para o trabalho com a criança.

Durante a realização do trabalho, tentamos por várias vezes agendar uma entrevista com a mãe de Lucas para uma anamnese, porém a mesma sempre alegava compromisso. Procurando a professora da criança do ano anterior, a mesma relatou que o mesmo fato aconteceu anteriormente. Por várias vezes a professora tentou-se marcar anamnese com a mãe do garoto, mas essa nunca foi realizado por compromissos diversos da mãe.

A partir desse momento já começamos a compreender que a construção do PDI, nesse ponto seria inviável, pois para a estruturação do mesmo seria importante a entrevista com a família para conhecermos melhor o caso da criança e seu dia-a-dia. Tentamos então contato com a Associação Mineira de Reabilitação (AMR), instituição onde Lucas faz acompanhamento médico. A AMR, prontamente atendeu nosso contato e disponibilizou uma equipe para estar indo a escola fornecer informações acerca da conduta a qual as professoras do aluno devem adotar para que o mesmo atinja um desenvolvimento satisfatório, dentro de suas limitações. A equipe é composta por vários colaboradores que acompanham Lucas e sua família na Associação: Terapeuta Ocupacional, Psicóloga, Fisioterapeuta, Assistente Social, entre outros agentes. No entanto, a visita tem sido constantemente remarcada. No decorrer do ano, Lucas tem apresentado quadros de febre alta, e por isso tem sido internado por várias vezes seguidas, uma vez que em janeiro deste ano a criança apresentou crises convulsivas, o

que faz com que se tenha um olhar mais criterioso com a criança quando essa apresenta quadros febris. Aguardamos então, um período estável na saúde de Lucas, quando a criança possa voltar a sua rotina para que a AMR marque a visita a escola.

8 CRONOGRAMA:

No primeiro encontro tivemos a participação de duas professoras e da coordenadora pedagógica da escola. A conversa girou em torno dos objetivos dos encontros, a importância da participação das profissionais presentes e da apresentação do documento de estudo.

Já no segundo encontro contávamos com a participação dos profissionais da Associação Mineira de Reabilitação (AMR) que fazem o acompanhamento terapêutico da criança e de sua família. A ideia de solicitar apoio a AMR surgiu ao questionar a mãe um dia na porta da sala qual era o nome da psicóloga que acompanhava a criança, profissional a qual a mãe sempre se referia em conversas rápidas e informais sobre a criança também na porta da sala. A mãe respondeu que na verdade a psicóloga era mais para acompanhamento próprio do que para acompanhamento da criança, o que levou a reflexão de que a Associação também poderia proporcionar um apoio a escola, do mesmo modo que proporciona a família. Assim, entramos em contato com a Associação que prontamente aceitou o convite. Entretanto, com a saúde de Lucas debilitada, optou-se por aguardar a recuperação da criança, pois a visita é interessante com a presença de Lucas para que observando o tratamento e o modo de agir com a criança os profissionais da AMR dê as orientações e faça as considerações e apontamentos necessários as mudanças no procedimentos adotados pelas professoras na relação com a criança.

Como a visita foi cancelada, voltamos ao estudo do texto, com a leitura do capítulo 12, cujo título é Formação de rede: compartilhando informações, experiências exitosas e desafios vividos na construção da educação inclusiva. Esse capítulo contém depoimentos positivos de pais e professores acerca da inclusão escolar. Também contém o depoimento de uma professora com deficiência relatando sua experiência escolar.

A leitura desse capítulo torna-se importante, uma vez que as professoras tem apresentado grande receio e preocupação no trabalho específico com a criança. O que fazer com Lucas? Como incluí-lo nas atividades? Que atividades específicas trabalhar com a

criança para o seu desenvolvimento? Durante o grupo de estudos colaborativos, foi possível perceber a angústia das professoras.

As professoras relatam os obstáculos na prática docente com relação ao aluno Lucas. Como dito anteriormente, o aluno apresenta muitos movimentos involuntários com a língua, o que dificulta seu processo de ingestão de alimentos. Esse foi um ponto muito frisado

Outro ponto sinalizado pelas professoras é a questão da adaptação das atividades. Não podemos excluir Lucas das atividades desenvolvidas pelas demais crianças, mas é necessário um planejamento e adaptação prévia das atividades. Com relação a esse ponto, ficou acertado entre as professoras que ao se realizar atividades coletivas, contaremos sempre com a presença de duas professoras. A professora que estiver fora de sala, cumprindo horário de planejamento ou café, cederá esse horário para a professora que estiver em sala realizando a atividade. Entende-se que essa é uma forma de se trabalhar com a criança, pois uma professora sozinha não estava conseguindo realizar atividades diferenciadas com a turma nos dias em que Lucas está presente na escola.

Um ponto que ficou em aberto é a questão do parquinho. Nos dias em que Lucas está na escola, não levamos a turma para brincar no parquinho. Ora, sabemos da importância das brincadeiras e atividades psicomotoras nessa fase do desenvolvimento, mas também sabemos que na Paralisia Cerebral, a criança apresenta seu cognitivo preservado e assim Lucas verá seus amigos brincando e ele não. Se buscamos a inclusão da criança e não a integração, o que fazer? Lucas ainda não possui cadeira adaptada e fica o tempo todo no colo ou no chão (a mãe pediu para não colocar a criança no carrinho de bebê, para não atrapalhar no seu desenvolvimento postural). A também a questão das outras crianças que com o passar do tempo, começarão a perceber que quando Lucas está presente, as atividades ocorrem unicamente dentro de sala, o que pode levar a um isolamento de Lucas por parte das outras crianças. Esse é um ponto que vamos buscar ajuda junto a equipe da AMR para buscar uma solução que inclua Lucas nas atividades e brincadeiras na área externa da EMEI.

PERCURSOS ABERTOS

Diante de todo os expostos acima, entendemos que três são os caminhos a se percorrer

1. Continuar o estudo teórico para fundamentação da prática pedagógica;

2. Participação de todas as professoras que acompanham Lucas na instituição escolar na visita da Associação Mineira de Reabilitação a escola;
3. Construir em conjunto com todas as professoras do aluno o Plano de Desenvolvimento do Aluno, independente da anamnese realizada com a família, baseado nos laudos médicos constantes na escola, na conversa com os especialistas da AMR, nas observações diárias dos alunos e em textos e pesquisas científicas.

Assim, esse é um longo caminho a se percorrer, não sendo possível nesse momento finalizá-lo.

No entanto para as próximas etapas, para que não se perca o foco, deixamos um calendário pronto, que servirá como guia, para que até o fim do primeiro semestre do presente ano, todos esses passos tenham sido efetivados.

DATA		ENCONTRO
29 de abril	<p>Leitura dos textos contidos no documento Educação infantil: Saberes e práticas da inclusão.</p> <p>Capítulos:</p> <p>1.O percurso histórico: da segregação à inclusão</p> <p>2. Educação inclusiva: Dimensão sociocultural e política</p> <p>2.1. Política de inclusão: inclusão, implicações e contradições.</p>	<p>Encontro 1</p> <p>Solicitou-se das participantes a leitura prévia desses dois textos. Todas receberam o material impresso com uma semana de antecedência do primeiro encontro, juntamente com uma carta agradecendo a disponibilidade em participar do projeto e a solicitação da leitura dos capítulos 1 e 2</p>
10 de maio	<p>Leitura do capítulo 12.</p> <p>Formação de rede: compartilhando informações, experiências exitosas e desafios vividos na construção da educação inclusiva</p>	<p>Encontro 2.</p> <p>Esse capítulo contém depoimentos positivos de pais e professores acerca da inclusão escolar. Também contém o depoimento de uma professora com deficiência relatando sua experiência escolar.</p>

DATA		ENCONTRO
		Pensou-se na leitura coletiva do texto nesse encontro como meio de sensibilização das professoras acerca das possibilidades da inclusão e do projeto de formação em desenvolvimento, uma vez que as professoras mostram-se angustiadas frente aos desafios constituídos pela presença de uma criança com paralisia cerebral na sala de aula.
21 de Maio	Visita da equipe da Associação Mineira de Reabilitação	Encontro 3 Essa data foi marcada pela AMR e não pela instituição educacional, para visita a escola. Agendou-se com um intervalo amplo de tempo, para que haja um prazo para que a saúde de Lucas se restabeleça.
27 de Maio	8. A criança com deficiência: sujeito com possibilidades e necessidades 10. Inclusão: Caminho para uma prática pedagógica reflexiva na educação	Encontro 4 Para o encontro 4, será indicado a leitura prévia desses dois textos, capítulos 8 e 10, para discussão e debate em conjunto.
03 de Junho	Início da Construção do PDI	Encontro 5 Divisão dos tópicos para que cada professora desenvolva uma parte do plano para discussão no próximo encontro
24 de Junho	Encontro para discussão da escrita do PDI	Encontro 6 As professoras terão até o dia 14 de

DATA		ENCONTRO
		<p>junho para entrega da escrita. A proponente deste trabalho fará a junção da escrita e passará a escrita final para as demais professoras até o dia 20 de junho, para discussão e acerto de pontos de discordância neste, que será o encontro final.</p> <p>Avaliação dos encontros e grupo de estudo coletivo.</p>

9 – RELATORIO DE DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

A ideia inicial era uma formação de professores, mas no sentido de curso, ministração de conteúdo. Contudo, durante a pesquisa bibliográfica, conversa com colegas e orientadora, foi percebido que muito mais enriquecedor tanto para a proponente quanto para as demais participantes, é um grupo de estudos e discussões

De acordo com Proença (2018)

No grupo, formas de agir e de pensar são discutidas e construídas coletivamente, sem receitas ou moldes de atuação, mas com questionamento crítico e reflexão permanente sobre possibilidades diferenciadas de ação em determinadas situações, ampliando o repertório dos docentes e a clareza de justificativas para intervenções a serem feitas (p.36)

Assim, o projeto foi concebido como unidades de estudo selecionadas pela proponente do projeto, onde em cada encontro haveria o estudo de um texto pré-selecionado. Mais uma vez, mudanças foram feitas a partir da pesquisa feita. Optou-se pelo estudo de um texto construído pelo Ministério da Educação e cujo foco é a Inclusão no contexto da Educação Infantil.

A escolha da escola como local para a formação deve-se ao fato da escola em si já ser local formador em sua essência. Além disso, outros fatores validam esse fato.

Proença justifica a escolha da escola “por ser o ambiente real de atuação dos professores/coordenadores/diretores e crianças, contexto no qual as situações de conflito acontecem” (2018, p.37).

Muitas eram as expectativas para o início dos encontros: as professoras iriam? Teriam realizado a leitura prévia solicitada para o primeiro encontro? O que fazer para motivá-las a participar dos demais encontros? Mas a pergunta que mais inquietava era: o que esperar desses encontros?

A autora Maria Alice Proença, indica um objetivo que entendeu-se ser a expectativa geral para os encontros

Reuniões em que o diálogo possa ser estabelecido, em que as vozes dos educadores tenham espaço; que promovam escuta por parte do grupo, compartilhando dúvidas, conflitos e conquistas, que incentivem o respeito a diversidade dos sujeitos que participam e a elaboração coletiva de diferentes soluções; que fortaleçam a cultura do grupo, os sentimentos de pertencimento e a parceria entre seus membros; que reforcem a identidade do grupo e oportunizem aprendizagens significativas para as crianças – objetivo final de todo o processo educativo (2018, p.38)

10 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo inicial da formação de professores proposto foi a de um curso. No entanto, durante a caminhada percebeu-se que muito mais produtivo seria um grupo de estudo colaborativo e assim o fizemos. O resultado pretendido foi então um Plano de Desenvolvimento Individual colaborativo e uma prática pedagógica mais concisa e direcionada.

O objetivo final não foi alcançado no todo, mas encontra-se em percurso. Muitos foram os obstáculos que impediram a conclusão do cronograma: a disponibilidade das professoras (das 5 professoras convidadas a participar do grupo de estudos coletivos, uma alegou não ter disponibilidade, uma não apareceu nos estudos e uma disse que iria no dia que estivesse sem nenhuma outra demanda), a remarcação constante da visita do núcleo de atendimento da Associação Mineira de Reabilitação, local, onde o aluno faz acompanhamento, entre outros. No entanto, isso não quer dizer que o processo será interrompido, muito pelo contrário. O cronograma foi dilatado e continuaremos o processo, finalizando no final do primeiro semestre do presente ano.

A vivência proporcionada por esse projeto foi importante, uma vez que levou a autora a uma observação acurada do cotidiano e da rotina escolar, atentando-se a fatos até então não notados, tanto com relação as suas companheiras de trabalho, quanto ao próprio aluno com paralisia cerebral e aos demais alunos, em como se comportam e agem com relação ao colega Lucas. Além disso, a proposta levou a leitura de vários textos como forma de pesquisa para encontrar um que estivesse em consonância com a realidade, ansiedades e inquietudes das professoras. O projeto retirou-nos da nossa zona de conforto, o que é de suma importância, para que, enquanto professores, assumamos sempre a postura de pesquisadores inquietos a procura de novas possibilidades educacionais.

11 - REFERÊNCIAS:

BUDEL, Gislaine Coimbra; MEIER, Marcos. **Mediação da aprendizagem na educação especial**. Curitiba: Intersaberes, 2012. (Série Inclusão Escolar)

DEIMLING, Natália Neves Macedo; MOSCARDINI, Saulo Fantato. Inclusão escolar: política, marcos históricos, avanços e desafios. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, [S.l.], n. 12, fev. 2017. ISSN 1519-9029. Disponível em <file:///C:/Users/HP/Documents/P%3%B3s%20UFJF/Experi%C3%Aancias%20e%20pr%C3%Aaticas%20em%20educa%C3%A7%C3%A3o%20TCC/TCC%202019/9325-25499-1-SM.pdf>

Marilda Moraes Garcia Bruno (Elab.). **Educação Infantil: Saberes e práticas da inclusão**: Introdução. 4. ed. Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2006. 45 p.

PROENÇA, Maria Alice. **Prática docente**: A abordagem de Reggio Emilia e o trabalho com projetos, portfólios e redes formativas. São Paulo: Panda Educação, 2018. 160 p.

SOBRINHO, José Augusto de Carvalho Mendes. **A formação continuada de professores: modelos clássico e contemporâneo**. In: Linguagens, Educação e Sociedade: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí. Teresina: EDUFPI, 2006. 128p.

APÉNDICE

Prezada professora

Como é bom tê-la em nosso grupo de estudo colaborativo! Agradeço a sua gentileza e presteza em aceitar o convite.

Não é só necessário possibilitar o acesso da criança com deficiência à escola. É necessário, também, buscar formas de garantir a permanência e também condições de participação efetiva dessa criança no ambiente escolar, e sobretudo, o direito à aprendizagem. E é justamente isso que desejo com esses seis encontros: buscar através da base teórica, subsídios para apoiar a prática docente e vivência educacional educativa dessas crianças. Espero que seja igualmente o seu desejo.

De acordo com a conversa que tivemos em momento anterior, os encontros ocorrerão no horário de 11:30 às 12:30h. As datas do encontro serão 02, 04, 09, 11, 15 e 17 de abril.

Você está recebendo o material que será a base para o nosso estudo. Para o primeiro encontro, do dia 02 de abril, peço que leia os capítulos 1 e 2.

Será muito bom ter esse momento de estudo e compartilhamento de experiências com você.

Até breve!

Raquel Lilian

Prezada coordenadora Daniela.

Você está sendo convidada a participar do nosso grupo de estudo colaborativo!

Não é só necessário possibilitar o acesso da criança com deficiência à escola. É necessário, também, buscar formas de garantir a permanência e também condições de participação efetiva dessa criança no ambiente escolar, e sobretudo, o direito à aprendizagem. E é justamente isso que desejo com esses seis encontros: buscar através da base teórica, subsídios para apoiar a prática docente e vivência educacional educativa dessas crianças. Espero que seja igualmente o seu desejo.

De acordo com a conversa que tivemos em momento anterior com as demais colegas participantes, os encontros ocorrerão no horário de 11:30 às 12:30h. As datas do encontro serão 02, 04, 09, 11, 15 e 17 de abril.

Você está recebendo o material que será a base para o nosso estudo. Para o primeiro encontro, do dia 02 de abril, peço que leia os capítulos 1 e 2.

Será muito bom ter esse momento de estudo e compartilhamento de experiências com você.

Até breve!

Raquel Lilian